

CARLOS MOURA
INÊS DRUMMOND
MARGARIDA SAAVEDRA PÁG.13

POLÍTICA LX



Parceira do
Jornal de Lisboa



A NOSSA **BANCADA DE OPINIÃO**
PÁGS. 14/15



JORNAL DE LISBOA

Jornal Mensal - €0,01
jornaldelisboa@gmail.com

Director: Francisco Morais Barros

Nº132 - **FEVEREIRO**19 - ANO XI

> **ESPAÇOS VERDES**

LISBOA TEM JARDINS E PARQUES COM MAIS DE 10 MIL HECTARES



Cada vez mais procurada por turistas, Lisboa é conhecida pela luz vibrante.

Uma das características da capital que pode ser apreciada nos parques e jardins da cidade, que totalizam mais de 10 mil hectares de espaços verdes.

DESTAQUE | PÁGS. 02/03

PENHA DE FRANÇA | PÁG. 06 **PARQUES INFANTIS COM NOVOS EQUIPAMENTOS**

A aposta do Executivo tem permitido a Freguesia ser dotada de novos equipamentos. Agora, os parques infantis foram alvo de beneficiações.

AVENIDAS NOVAS | PÁG. 07 **APRESENTAÇÃO DE ESTUDOS SOBRE JARDINS DA FREGUESIA**

O Executivo da Freguesia apresentou as propostas finais de trabalhos académicos sobre quatro espaços verdes da autarquia para a requalificação de jardins emblemáticos.

SÃO VICENTE | PÁG. 08 **JUNTA CELEBRA CONTRATOS SEM TERMO COM 63 TRABALHADORES**

A Junta de São Vicente integrou nos seus quadros de pessoal 63 elementos, regularizando assim a situação laboral dos precários.

CAMPOLIDE | PÁG. 09 **UMA SEGUNDA VIDA PARA A ROUPA USADA**

Desde 2014 que a recolha de roupa usada em Campolide é feita por uma empresa especializada. Uma medida que tem objectivos sociais, mas também contribui para um combate efectivo à diminuição da pegada ecológica.

MISERICÓRDIA | PÁG. 10 **AFM ORGANIZA SESSÃO DEDICADA À SEGURANÇA PÚBLICA E CIDADANIA**

A Assembleia de Freguesia da Misericórdia realizou, no passado dia 23 de janeiro, uma sessão temática dedicada à Segurança Pública e Cidadania.

SÃO DOMINGOS DE BENFICA | PÁG. 11 **FREGUESIA CELEBRA 60 ANOS**

No próximo dia 7 de Fevereiro a Freguesia de São Domingos de Benfica está em festa. São 60 os anos dedicados por muitos autarcas à causa do bem comum, aqui nesta zona da cidade de Lisboa.

LUMIAR | PÁG. 12 **II JORNADAS DO PENSAMENTO EMOCIONAL**

A Junta do Lumiar é uma das entidades promotoras das II Jornadas do Pensamento Emocional com o objectivo de fomentar o trabalho em rede e o desenvolvimento de novos projectos.

DESTAQUE

> QUALIDADE DE VIDA

Lisboa tem mais de 10 mil hectares de espaços verdes

Cada vez mais procurada por turistas, Lisboa é conhecida pela luz vibrante. Uma das características da capital que pode ser apreciada nos parques e jardins da cidade, que totalizam mais de 10 mil hectares de espaços verdes.

Classificar a cidade de Lisboa é difícil. Porque Lisboa é conhecida por muitas das suas características e não se deixa encerrar num único conceito, ícone ou adjetivo. Para uns, Lisboa é luz. Para outros, é o Fado. E para outros, ainda, é o Mosteiro dos Jerónimos, a Torre de Belém, a Baixa, a Avenida da Liberdade, o Chiado. Há, também, quem identifique Lisboa com gastronomia de excelência, com os Pastéis de Belém, com pão quente... ou com bom clima, segurança, bom ambiente, praia... Lisboa é, seguramente, tudo isto. Porque Lisboa é vida. E a vida é feita de sensações, emoções e prazeres. Mas Lisboa pode, com propriedade, vir a ser reconhecida como cidade-jardim. Porque os lisboetas têm ao lado da porta de casa nada mais, nada menos que 138 parques e jardins espalhados por toda a cidade. E cada um desses parques e jardins tem uma história própria, que contribuiu e integra a História de Lisboa, que fica enriquecida pela diversidade e características de cada um daqueles espaços verdes. Aqui se indicam alguns dos mais reconhecidos, ficando o compromisso de o Jornal de Lisboa divulgar todos os espaços verdes da capital.

Jardim Botânico da Ajuda (Calçada da Ajuda)

Jardim de estilo renascentista com quase 4 hectares oferece paz e sossego num espaço repleto de árvores tropicais.

Parque Florestal de Monsanto

Com 9000 hectares é designado como o pulmão da cidade de Lisboa.

Parque de Alvalade (Rua João de Deus Ramos)

Abrange 21 hectares, com equipamentos de lazer, recreio e desporto.

Jardim Augusto Rosa (Largo da Sé)

Pequeno jardim, onde se encontra o busto do ator Augusto Rosa.

Parque da Bela Vista

85 hectares com polidesportivo, campo de golfe e parque infantil.

Parque Recreativo dos Moinhos de Santana (Rua Tristão Vaz)

Amplos relvados, árvores e arbustos, com equipamentos lúdicos e desportivos.

Parque Urbano do Vale Fundão (Rua Manuel Teixeira Gomes)

Nasceu do aproveitamento dos espaços envolventes, com arvoredo frondoso.

Quintas das Conchas e dos Lilás (Azinhaga de Entremuros)

É o terceiro maior da capital, com parques infantis, área de exposições e restaurante.

Tapada das Necessidades

Antiga cerca de uma quinta real com convento, rica em vegetação exótica.

Parque Eduardo VII

Um parque com 26 ha, localizado no topo da Avenida da Liberdade.

Campo do Amor (Campo das Amoreiras)

Moderno e cuidado, com polidesportivo, parque infantil e anfiteatro.

Estufa Fria (Parque Eduardo VII)

O projeto duma floresta artificial tropical teve início em 1910.

Jardim 5 de Outubro (Junto à Basílica da Estrela)

Jardim com abundante vegetação, encontrando-se, no centro, uma escultura que representa a Santa Família, de Costa Mota.

Jardim Afonso de Albuquerque

Construído no antigo areal onde se ancorava o Real Cais de Belém.

Jardim Alfredo Keil ou da Praça da Alegria

Conta com monumento em homenagem a Alfredo Keil, compositor e autor do Hino Nacional.

Jardim Amália Rodrigues (Alameda Cardeal Cerejeira)

Jardim Augusto Gil em Lisboa (Largo da Graça)

Pequeno jardim de bairro com panorâmica sobre a cidade e o rio Tejo.

Jardim Boto Machado (Campo de Santa Clara)

Espaço gradeado e com vista panorâmica para o rio Tejo.

Jardim Braamcamp Freire (Campo dos Mártires da Pátria)

Local arborizado, com destaque para um cedro-do-himalaia, conhecida por “Árvore dos Namorados”.

Jardim Cesário Verde (Praça Ilha do Faial)

Caracteriza-se por ser muito arborizado e de ambiente tranquilo.

Jardim da Água (Passeio dos Navegadores)

Jardim da Alameda Dom Afonso Henriques

Jardim de grandes dimensões no qual se destaca a Fonte Luminosa, de 1940.

Jardim da Estrela ou Guerra Junqueiro

Concepção romântica com coreto, esplanada, biblioteca, estufa, e grutas artificiais

Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian

O jardim com influências modernistas da época. com espécies vegetais exóticas e um lago.

Jardim da Luz ou Jardim Teixeira Rebelo

Jardim da Praça de Dom Luís ou Praça Sá da Bandeira

Jardim florido, com palmeiras e estátua do Marquês Sá da Bandeira.

Jardim da Praça do Império

A sua beleza prende-se com a harmonia dos arranjos e traçado arquitetónico.

Jardim da Torre de Belém

Construído por altura da Grande Exposição do Mundo Português, em 1940, caracteriza-se pelos seus amplos relvados.

Jardim das Amoreiras ou Marcelino Mesquita

É um dos mais antigos jardins da cidade, idealizado pelo Marquês de Pombal, em 1771.

Jardim das Damas do Palácio Nacional da Ajuda

Em 1988 foi reconstruído e a vegetação foi recuperada, mantendo elementos de conceção barroca.

Jardim David Leandro da Silva

Jardim de Roque Gameiro (Cais do Sodré)

Pequeno jardim junto à Estação de Caminhos de Ferro.

Jardim de São Bento

Conta com grupo escultórico “A Família”, de autoria de Leopoldo de Almeida.

Jardim de São Pedro de Alcântara - Jardim António Nobre em Lisboa

Jardim romântico do séc. XIX, com passeio construído sobre os restos das muralhas das Águas Livres.

Jardim da Estrada dos Arneiros

Jardim do Alto de Santa Catarina

Pequeno jardim localizado numa das sete colinas de Lisboa, com evocação de Adamastor.

Jardim do Alto de Santo Amaro (Rua Jau)

Jardim do Campo Pequeno - Jardim Marquês de Marialva

Até aos anos 30 foi um espaço de reunião dos aficionados das touradas.

Jardim do Castelo de São Jorge

Situado dentro das muralhas do castelo, tem zonas relvadas e várias espécies arbóreas.

Jardim do Largo das Necessidades - Jardim Olavo Bilac

Com cariz aristocrático, situa-se em frente ao Palácio das Necessidades.

Jardim do Palácio dos Marqueses de Fronteira (Largo de São Domingos de Benfica)

Situado junto à Galeria dos Reis, merecem destaque os arbustos geometricamente talhados,

DESTAQUE

as sebes e os repuxos.

Jardim do Príncipe Real ou França Borges

Destaca-se o famoso centenário Cedro-do-Buçaco.

Jardim Fialho de Almeida (Praça das Flores)

Rodeado por fachadas de linhas simples mas harmoniosas.

Jardim Garcia de Orta (Parque das Nações)

Evoca as Descobertas com vegetações características de diversos locais.

Jardim Júlio de Castilho (Rua do Limoeiro)

Situa-se num antigo claustro da Igreja de Santa Luzia.

Jardim Nove de Abril ou das Albertas (Frente ao Museu

de Arte Antiga)

Enquadrado pelo Museu de Arte Antiga, tem um miradouro sobre o Tejo.

Jardim Nuno Álvares ou Jardim de Santos (Largo de Santos)

Para os moradores é o Jardim dos Gatos. Exibe a estátua do escritor Ramalho Ortigão.

Jardim Professor António de Sousa Franco (Rua Professor Francisco Gentil Martins)

Jardim Professor Francisco Caldeira Cabral em Lisboa

Jardim Teófilo Braga - Jardim da Parada em Lisboa

Tem novos equipamentos e elementos de valor patrimonial recuperados.

Jardins da Música (Alameda dos Oceanos)

Jardins da Quinta Alegre (Campo das Amoreiras, 94)

Possui elementos notáveis de decoração azulejar dos jardins.

Jardins do Estádio Universitário

São cerca de quarenta hectares de espaço verde e desportivo.

Jardins do Palácio Beau Séjour (Estrada de Benfica, 368)

Ambiente exótico romântico, com lago e coreto.

Jardim da Avenida da Liberdade

Antigo “Passeio Público”, surgiu como uma área residencial.

Jardim Henriques Lopes de Mendonça (Praça José Fontana)

Bastante agradável e verdejante, conserva o tradicional coreto ao centro, que data de 1912.

Mata da Madre de Deus

Antiga área florestal com cerca de 4 ha, integrada no conjunto do Parque Oriental de Lisboa.

Mata de São Domingos de Benfica

Com 8 hectares, é o mais antigo espaço verde incluído no Parque Florestal de Monsanto.



Jardim Botânico (Rua da Escola Politécnica, 58)

Durante muito tempo considerado o melhor Jardim Botânico da Europa, com 4 hectares.

Parque da Casa Ventura Terra (Rua Marquês de Fronteira, 20)

Parque do Palácio do Monteiro-Mor (Largo Júlio de Castilho, 2) 11 hectares, onde os jardins foram delineados em socacos.

Parque Roma (Avenida de Roma)

Pequeno jardim com estátuas espalhadas, representando actividades de lazer.

Parque Silva Porto - Parque Grão Vasco (Mata de Benfica)

Com quase cinco hectares com ciprestes, pinheiros e eucaliptos.

Parque Vale do Silêncio (Rua Cidade de Nova Lisboa)

8 hectares para lazer e atividades desportivas informais na zona dos Olivais.

Parque Vale Granje (Avenida Nuno Krus Abecasis)

Amplo espaço verde ideal para um passeio calmo em contacto com a natureza.

Parque Urbano do Calhau

Situado no extremo nordeste de Monsanto, junto ao Palácio dos Marqueses de Fronteira.

Quinta da Pimenta (Campo Grande, 245)

Imóvel de interesse público, assim como a meia laranja que lhe fica fronteira.

Quinta das Águias (Rua da Junqueira, 138)

Destacam-se os painéis de azulejos e o retábulo de Quillard.

Jardim Constantino

Jardim da Ameixoeira (Rua Jorge de Sena)

Espaço verde densamente arborizado, ideal para contacto com a natureza.

Jardim do Campo Grande

O atual arranjo, com lagos e conjuntos de palmeiras, é da autoria de Keil do Amaral.

Jardim do Torel (Rua Júlio de Andrade)

Tem um elegante portão, dois lagos, e miradouro sobre Lisboa

Jardim-Museu Agrícola Tropical ou Jardim do Ultramar (Calçada do Galvão)

Destaque para a palmeira-real australiana, a palmeira das Canárias, a palmeira-rainha do Brasil e a coraleira crista-de-galo.

Quinta dos Azulejos (Rua Esquerda)

Azulejos até à exaustão: forram muros, fontes, alegretes, arcarias, bancos, colunatas e pérgulas.

DESAFIOS PARA LISBOA

Urge um novo Aeroporto Internacional de Lisboa



De forma atabalhoada e pelos vistos incompleta, o Governo e a Vinci assinaram um acordo para a construção de um aeroporto no Montijo e, talvez o mais importante, uma grande operação de ampliação do aeroporto Humberto Delgado na Portela, na cidade de Lisboa. É evidente para todos, que a atual situação no aeroporto de Lisboa é insustentável. Todos se queixam: os utentes, os turistas, as companhias aéreas, a hotelaria. Os sucessivos governos anteriores, foram adiando decisões, que infelizmente se traduzem agora em pressas, más conselheiras. Entretanto, a Vinci comprou 50,1% do aeroporto de Gatwick por 3.300 milhões de euros. Curiosamente ou talvez não, mais do que pagou por 100% de todo o sistema aeroportuário nacional. Como habitualmente, já se levantaram vozes contra e a favor esta opção Montijo + Portela. Nomeadamente, no anúncio do Governo, ficou claro que ainda não há parecer sobre o impacto ambiental no Montijo. E se negativo... vão voar para outro lado. Mas, também a APA e outros especialistas alertaram para a necessidade de haver o mesmo estudo para a ampliação da Portela. Com Montijo e Portela, a previsão é de 12/13 milhões de voos sobre a população, a baixa altitude, em stress aeronáutico e até 48 movimentos por hora. Admira-me aliás, que a Junta de Freguesia de Alvalade em Lisboa, ainda não tenha tomado posição sobre este tema, tão importante e preocupante para a sua população. É o bem-estar dos lisboetas que pode estar em causa. Como todos recordamos, houve uma acesa discussão sobre um novo aeroporto em Lisboa. As alternativas eram a OTA ou Alcochete. Ouvidos os mais reputados técnicos nacionais e internacionais a decisão foi Alcochete. Agora, dizem-nos que não há dinheiro para a opção Alcochete. Perguntar, não ofende. Mas, não é a Vinci que tem de custear a totalidade do investimento? **João Pessoa e Costa**

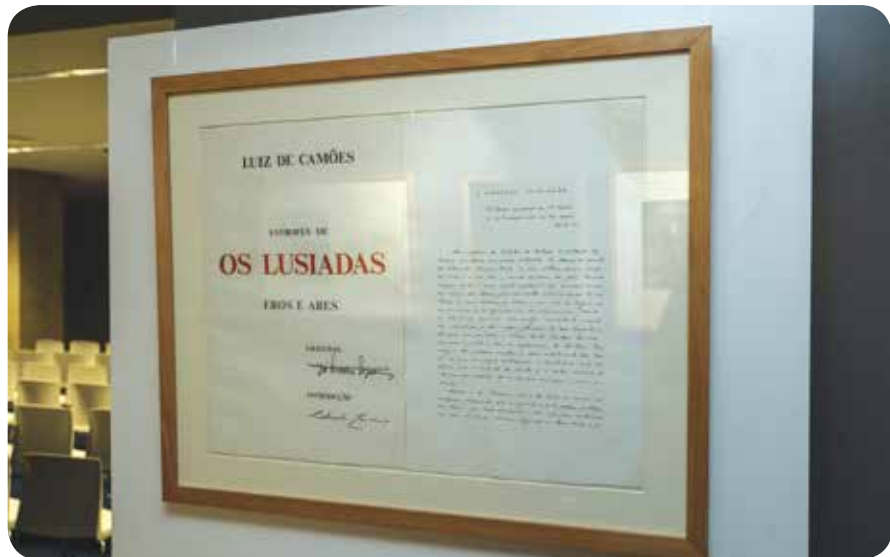


Aeroporto e nova ponte

O alargamento do aeroporto Humberto Delgado e a criação de um aeroporto comercial aproveitando parte da Base Aérea do Montijo tem vindo a motivar polémica e a reabrir a discussão antiga sobre as alternativas ao atual aeroporto que serve Lisboa e grande parte do País. É uma discussão antiga que remonta ao final dos anos 60 sem que, até agora, tenha tido um final marcado por uma decisão definitiva. Parece que é agora. Lisboa precisa deste aeroporto e o País também. O peso e a importância do tráfego aéreo na economia nacional não podem ficar refém de indecisões nem de pretextos para travar uma opção apenas por razão de luta partidária. A discussão que hoje se coloca acerca do novo aeroporto do Montijo é muito semelhante à que ocorreu antes da construção da ponte Vasco da Gama. E como é bom ver agora as colónias de flamingos que à sua volta se instalaram! Com o alargamento da capacidade aeroportuária, que acresce ao aumento da capacidade de acolhimento da navegação comercial, Lisboa reforça o seu posicionamento estratégico para reforçar o seu papel de hub aeroportuário no quadro dos voos intercontinentais. E sem custos para o erário público. O que nos tempos que correm é bom. Agora só falta uma ligação ferroviária capaz de ligar as duas margens do Tejo, aumentando a mobilidade entre as duas margens e dinamizando a atividade económica de um e outro lado. Que venha a nova travessia do Tejo. **Leonel Fadigas**



CAMPO DE OURIQUE



> CULTURA

Gil Teixeira Lopes e Os Lusíadas

Até 15 de fevereiro ainda pode ver, na

Biblioteca/Espaço Cultura Cinema

Europa, a exposição de gravuras «Os

Lusíadas: Eros e Ares» e assistir ao ciclo

de conferências sobre este tema.

Em 1980, a Fundação Calouste Gulbenkian convidou Mestre Gil Teixeira Lopes para fazer as gravuras de uma edição especial e limitada a 100 exemplares de Os Lusíadas, de Luís de Camões. Teixeira Lopes fez 10 gravuras, tantas quantas os cantos do mais célebre poema épico de Língua Portuguesa. E as matrizes e gravuras foram expostas, pela primeira vez, nessa altura, na Galeria de Exposições da Fundação Calouste Gulbenkian. «Gil Teixeira Lopes tem sido um dos maiores pintores e gravadores da nossa demografia artística. Absorvido pelo misterioso trajeto do olhar, as suas descobertas parecem fáceis e entretanto esplendorosas», escreveu, então, Eduardo Lourenço, no texto que apresentava essa primeira mostra. Natália Correia, comissária da exposição e grande admiradora do artista, deixou-nos um texto encantado, escrito em novembro de 1980, sobre as gravuras do Mestre para Os Lusíadas: «As Ninfas mais não são do que os afagos inefáveis da Magna Mater. (...) Tão primorosamente captou o artista-gravador este fulcro ginococrático do poema que a gravura com que ilustra o episódio da Ilha dos Amores é de uma deleitosa espiritualidade que



confunde os que, nesse trecho erótico de Os Lusíadas, dele esperariam o habitual transunto afrodisiaco. Nada disso. As delícias são celestiais».

Agora, quase 40 anos depois, o público pode voltar a ver as 10 belíssimas chapas e as gravuras a que deram origem. Até 15 de fevereiro, estão expostas na Biblioteca/Espaço Cinema Europa, em Campo de Ourique. E é como se o tempo não tivesse passado, ou como se as gravuras tivessem sido feitas hoje, de tal maneira é atual a obra do artista. Professor da Faculdade de Belas-Artes, pintor, escultor, gravador, galardoado com mais de 40 prémios,

Gil Teixeira Lopes é um artista plástico multifacetado que, ao longo da sua carreira, deu sempre grande importância à gravura. «Não gosto de estar sempre no mesmo posto de feitura das coisas. Gosto sempre de experimentar! De inovar! Na gravura, por exemplo, a primeira fase é sempre a da chapa de metal que é polida até se transformar numa superfície onde nos podemos ver ao espelho... mas, muitas vezes, parti da posição contrária, de uma chapa ferida que eu atirava ao chão e partia das marcas na chapa para a criação», diz Teixeira Lopes. Confessa que tudo na arte o apaixonou, que gosta de pôr as mãos em tudo o que faz. «Quando tirei o curso de Belas-Artes a Faculdade não tinha nenhuma cadeira de Gravura. Mas depois, quando me tornei professor, achei que sim, que devíamos ter essa disciplina», recorda.

SANTA MARIA MAIOR

> REQUALIFICAÇÃO

Praça do Martim Moniz:
Intervir para as pessoas?

A Praça do Martim Moniz é um dos

principais espaços da cidade e da

freguesia e evoca tempos antiquíssimos

da construção e afirmação da

nacionalidade.

As praças de Lisboa e, por maioria de razão, as da nossa freguesia são espaços que pela sua dimensão, localização e identidade exigem prudência nas suas redefinições. Importa olhar para a requalificação do Martim Moniz na perspetiva das pessoas, que pela proximidade, de emprego e residência, podem e devem ser os seus principais usufruidores.

Deve, por isso, estar no horizonte de todos que o Martim Moniz venha a ser um espaço público de qualidade, seguro, proporcionador de bem-estar, respeitador

do ambiente e não um espaço conturbado, ruidoso, pouco higiénico e propiciador de atividades não recomendáveis. A freguesia de Santa Maria Maior e a cidade de Lisboa já estão apetrechadas para responderem às melhores expectativas dos turistas que a visitam e não necessitam de mais um espaço com esta vocação específica. Precisam, isso sim, de um espaço de convergência entre moradores e visitantes, que possa funcionar como um oásis na “turbulência” das atividades turísticas.

Não está em causa o dinamismo da atividade comercial nem a promoção turística, mas importa olhar com atenção para a sustentabilidade do território e isso exige equilíbrio, regulação e bom senso.

A requalificação do Martim Moniz é uma oportunidade para afirmar uma praça que sirva os planos da CML de atrair novos habitantes para aquela zona da cidade e também sirva os atuais moradores e vizinhos. A multiculturalidade é um bem da cidade e da freguesia, mas ela própria precisa de espaços harmoniosos e



tranquilos para desabrochar nas suas vertentes culturais e conviviais. Não temos competência legal para nos envolvermos nas questões jurídicas que resultam da atual concessão e não nos queremos substituir à CML nas suas atribuições, mas temos competência política para entendemos que a população deve ser auscultada e respeitada, antes de qualquer decisão definitiva ser tomada, como, aliás, o próprio Presidente da Câmara já reconheceu. Julgamos que o projeto de contentores é mais uma solução confusa, ruidosa e “stressante” que continua o bulício da cidade e da sua zona histórica, quando o que se impunha era um corte no sentido de tornar o Martim Moniz uma antecâmara agradável para diversas zonas habitacionais. Lamentamos a persistência no projeto, apesar das cosméticas feitas pelo promotor.

Miguel Coelho, Presidente da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior

> CIDADANIA

Presidência Descentralizada na Mouraria

A semana de Presidência Descentralizada na Mouraria terminou, a 18 de janeiro, com um Conselho de Cidadãos - reunião com os moradores do bairro -, na Casa da Covilhã. No mesmo dia, foi colocada uma nova máquina de secar na lavandaria pública da Rua dos Cavaleiros, conforme necessidade diagnosticada numa visita de trabalho. Durante os dias em que o Executivo e os técnicos da Junta entraram a sua atividade no bairro, houve ainda oportunidade de reunir com representantes de várias instituições, entre as quais a associação Renovar A Mouraria e a Obra Social das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor



A equipa de Atletismo do Grupo Sportivo Adicense vai estreiar-se fora do continente marcando presença numa das mais importantes provas de Trail do circuito internacional. A Azores Columbus Trail Run 2019, que tem lugar a 2 de fevereiro é uma prova de 77 quilómetros na ilha de Santa Maria, nos Açores. A equipa de atletismo do GSA tem o apoio da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior.

Pela segunda vez consecutiva, a Freguesia de Santa Maria Maior regista o maior número de clubes inscritos no Torneio de Futsal Cidade de Lisboa. Na edição de 2019 estão presentes a Academia de Recreio Artístico, o Centro Cultural Dr. Magalhães Lima, o Grupo Sportivo Adicense, o Grupo Desportivo do Castelo, o Grupo Desportivo da Mouraria e a Sociedade Boa União.

FORMAÇÃO

“O LUGAR DA CIDADE” EM ESTUDO NO ISCTE

Membros do Executivo e técnicos da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior participaram na Escola de Inverno “O Lugar da Cidade”, no ISCTE, promovida pelo IPPS-IUL e pelo Aga Khan Trust for Culture. “A Mouraria - observar, avaliar, agir: um projeto participativo” foi o nome da sessão incluída num programa intensivo e multidisciplinar, que teve por objetivo contribuir para pensar e operar no território urbano, considerado nas suas dimensões físicas e imateriais. Políticas Públicas, Arquitetura, Planeamento Urbano, desenvolvimento económico, cultural e social, aplicação de novas tecnologias e modelos participativos ao planeamento e gestão urbana, foram abordagens que constituem a base programática.



PENHA DE FRANÇA

> EQUIPAMENTO

Parques infantis

A aposta do Executivo tem permitido a Freguesia ser dotada de novos equipamentos. Agora, os parques infantis foram alvo de beneficiações.

Fruto de uma das propostas vencedoras do POP Penha de 2017, os vários espaços de divertimento infantil da Penha de França passaram a ter escorregas, carrocéis e baloiços que podem ser utilizados por crianças menores de seis anos. A proposta 'Instalar equipamentos para as crianças mais novas nos parques infantis da freguesia' permitiu que os parques infantis tenham aparelhos específicos para os mais pequeninos que estimulam o seu desenvolvimento físico, nomeadamente o equilíbrio.



> HOMENAGEM

O pai do acordeão de concerto

Aos 97 anos, partiu o maestro, compositor e professor Vitorino Matono. Além de ter fundado uma escola de referência do ensino musical, o Instituto de Música Vitorino Matono, o maestro "desenvolveu o acordeão como instrumento de concerto", tendo este instituto sido "a primeira escola no país a focar-se neste domínio", refere uma nota divulgada pela família. Nesta escola, situada na Rua Morais Soares, sistematizou o ensino do acordeão, "até aí confinado a moldes que eram, essencialmente, informais", continua a nota, e o seu Instituto tornou-se "um polo de referência nacional e internacional". Vitorino Matono foi ainda o autor do currículo e dos planos de estudo em vigor do Curso Oficial de Acordeão e formou os pri-

meiros professores de acordeão do nosso país. Um dos mais proeminentes compositores portugueses do séc. XXI, escreveu inúmeras peças ao longo da vida, nomeadamente como ofertas a outros acordeonistas. Em 2002, quando cessou funções como diretor pedagógico do Instituto de Música Vitorino Matono, recebeu um louvor, publicado em Diário da República, onde o seu "mérito técnico e artístico" na "divulgação e valorização do acordeão nas suas vertentes popular e erudita" foi destacado, bem como o seu "prestigiado percurso na área da música". A Junta de Freguesia da Penha de França presta homenagem ao Prof. Vitorino Matono e endereça sentidas condolências à sua família, bem como aos trabalhadores e alunos do Instituto de Música que fundou.



POLÍTICA DE HABITAÇÃO NOVOS VIZINHOS

Foram entregues na Penha de França as primeiras chaves de um conjunto de 100 casas atribuídas no âmbito de programas de habitação municipal. As chaves foram entregues pelo presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Fernando Medina, e pela vereadora da Habitação, Paula Marques. A operação vai beneficiar cerca de 128 famílias por toda a cidade de Lisboa.

AVENIDAS NOVAS

> ESPAÇOS VERDES

Apresentação Pública de Trabalhos Académicos sobre jardins da Freguesia

Apresentação pública das propostas

finais de trabalhos académicos sobre

quatro espaços Verdes da Freguesia para

a requalificação de jardins

emblemáticos.

Ao fim de três meses de trabalho, os alunos do último ano do Mestrado em Arquitetura Paisagista, do Instituto Superior de Agronomia, sob orientação das Professoras Arquitetas Paisagistas Cristina Castel-Branco e Ana Luísa Soares, fizeram a apresentação pública das propostas finais dos seus trabalhos sobre quatro jardins da Freguesia de Avenidas Novas no auditório

do CIUL- Centro de Informação Urbana de Lisboa - dia 16 de janeiro. Com uma política de abertura e diálogo a entidades como a Universidade, esta proposta de trabalho foi muito bem acolhida pela Junta de Freguesia de Avenidas Novas que apoiou na escolha dos quatro jardins mais significativos e que representam um maior desafio nesta freguesia: Jardim Jorge Luís Borges (Arco do Cego), Jardim Marquês de Marialva (Campo Pequeno), Jardim Amélia Carvalheira (junto à Igreja de Nossa Senhora de Fátima) e o Jardim da Rua Filipe da Mata; realizou uma visita guiada aos mesmos com o acompanhamento da própria vogal do Pelouro do Espaço Público, Urbanismo e Ambiente, Dora Albuquerque; ouviu e comentou a primeira apresentação destes trabalhos correspondente à fase de análise e diagnóstico realizada no dia 25 de Outubro de 2018 e, finalmente, esteve presente nesta última apresentação e ajudou a pensar nestes

projectos como algo mais real e concreto. Os projectos apresentados com o objectivo de reformular estes quatro espaços verdes da freguesia tiveram por base uma análise e diagnóstico que partiu de inquéritos à população que frequenta estes espaços, e tiveram em conta a temática da biodiversidade, sustentabilidade e inclusão dos diferentes públicos indo ao encontro das diversas utilizações que cada público faz e quer destes jardins.

No fim desta apresentação, a Prof.ª Arq.ª Paisagista Cristina Castel-Branco agradeceu à Presidente da Junta de Freguesia de Avenidas Novas, Ana Gaspar, à Vogal do Executivo Dora Albuquerque e ao Assessor Ricardo Moutinho, todos presentes, o acolhimento, empenho e estímulo que deram a estes projectos, referindo ser raro e louvável uma aproximação e colaboração tão grandes entre uma Universidade e uma Junta de Freguesia.

> CULTURA

O Começo

Todos os anos dizemos a nós próprios que vamos começar de novo e planeamos novos projetos de vida, pessoais e profissionais que tentamos cumprir, elaborando objetivos e metas para nos tornarmos pessoas melhores, mais completas e assim enriquecermos a nossa vida com estes "começos" e com eles crescemos.

Começar algo que consideramos útil e interessante, para nós próprios é empolgante, mas quando damos vida a um projeto em prol dos outros e da nossa comunidade é estimulante e requer uma entrega total. Este ano, na Freguesia das Avenidas Novas, entregamo-nos, de coração, a mais um projeto cultural: A criação de uma biblioteca.

A nossa biblioteca é um projeto ainda embrionário que queremos como promotor de vivências múltiplas. Queremos que esta biblioteca seja uma realidade que sirva os nossos moradores, um polo de intercâmbio de culturas e culturas entre os fregueses e para os fregueses das Avenidas Novas. Esta terá 2 pólos, na sede da Junta de Freguesia e no Mercado do Bairro Santos. Biblioteca (do grego, composto de biblion — "livro", e theca — "depósito") é um espaço físico em que se guardam livros, dispostos ordenadamente para estudo e consulta. É a coleção de livros. E os livros transportam-nos para lugares esquecidos nos cantos da nossa memória, para lugares e culturas desconhecidos, para campos poéticos, filosóficos e científicos,



levando-nos a viajar no espaço da nossa História, de outras histórias e de outros conhecimentos. Temos vindo a limpar e a restaurar os livros que se encontravam nas antigas instalações de São Sebastião e a acolher livros que nos são oferecidos pelos nossos beneméritos fregueses. Estes livros requerem conservação, dado que o público irá manusear as obras e tendo em conta que recebemos alguns documentos que se encontravam em más condições. Também estamos, pois, a intervir de forma a organizar, segundo regras que estabelecemos, no sentido de catalogar e arquivar as obras impressas, com o objetivo de se encontrarem de maneira imediata por meio de classificações como autor, assunto, ou diferentes assuntos, pelo arquivador ou morador-consultor. É nosso interesse abrir, assim que viável, portas para estudantes, leitores e pesquisadores e criar eventos referentes à cultura literária e instigar o gosto pela leitura. A Biblioteca das Avenidas Novas, nos seus dois pólos e com projetos diferenciadores é uma aposta de vida!

INTERVENÇÃO SOCIAL

EXECUTIVO CONSEGUE APOIO DE ENTIDADE PRIVADA PARA PESSOAS CARENCIADAS

Na sequência da vaga de temperaturas especialmente baixas que se fizeram sentir, este mês passado, em Lisboa e que originou um aumento excecional de pedidos de cobertores, mantas e edredons por parte de famílias, pessoas idosas e pessoas sem-abrigo, os serviços sociais da paróquia de Nossa Senhora de Fátima lançaram um alerta à equipa de Intervenção Social da Junta de Freguesia de Avenidas Novas a solicitar a oferta de cobertores. Em resposta, a Junta de Freguesia contactou o Grupo Sana Hotéis, entidade recentemente aderente à Rede de Responsabilidade Social das Avenidas Novas, que disponibilizou cerca de 50 cobertores, recolhidos e entregues pelos serviços da JFAN.



SÃO VICENTE



QUADRO DE PESSOAL

Junta de Freguesia celebra contratos sem termo com 63 trabalhadores

A Junta de São Vicente integrou nos seus quadros de pessoal 63 elementos, regularizando assim a situação laboral dos precários.

No passado dia 12 de dezembro, foram assinados os contratos de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado, de sessenta e três trabalhadores, que a partir desse dia passaram a ser funcionários efetivos da Junta de Freguesia de São Vicente. A assinatura destes contratos é o culminar do processo de regularização dos vínculos precários, feito ao abrigo da lei 112/2017 publicada a 29 de dezembro de 2017. A cerimónia da assinatura destes contratos foi presidida pela Presidente da Junta de Freguesia de São Vicente, Natalina Tavares de Moura, na presença de todo o elenco do Executivo. A presidente do Executivo salientou a importância do ato, que afirmou dar início “a uma nova etapa para cada um dos signatários, com melhoria da sua qualidade de vida pessoal, mas também para autarquia, que assim dá um salto qualitativo na forma como serve a população da freguesia de São Vicente e a cidade”. Cumprimentando e felicitando pessoalmente cada um dos signatários, numa nota mais pessoal, Natalina Tavares de Moura salientou ser aquele dia “um dos mais felizes que viveu enquanto autarca.” Os sessenta e três funcionários que agora integraram os quadros da Junta de Freguesia de São Vicente, abrangem todas as áreas de intervenção, nomeadamente a área social, ambiente urbano, espaços verdes, educação, desporto, comunicação, cultura, serviços técnicos e administrativos, atendimento ao público e recursos humanos dos serviços centrais da Junta. Os novos contratos laborais permitem regularizar o vínculo anteriormente existente com os funcionários, alguns com mais de um década de prestação de serviços na Junta de Freguesia de São Vicente.

Texto - Rui Lagartinho; Fotos - João Nelson Ferreira



CAMPOLIDE

SOLIDARIEDADE

Contentores Solidários - Uma segunda vida para a roupa usada

Desde 2014 que a recolha de roupa usada em Campolide é feita por uma empresa especializada. Uma medida que tem objectivos sociais, mas também contribui para um combate efectivo à diminuição da pegada ecológica.

A recolha de roupas usadas não é apenas uma medida de combate ao desperdício e uma opção solidária, contribuindo para uma maior qualidade de vida dos que têm menos e, portanto, mais precisam. A parcela que tem como destino a reciclagem é um valioso contributo no combate por um ambiente melhor. Até Outubro, o mês de 2018 em que se registou maior oferta de bens, perto de 3700 Kg, foram recolhidas em Campolide, nos contentores disponibilizados pela H Sarah Trading, mais de 24 toneladas de roupa. Destas, mais de 16,5 toneladas foram reencaminhadas para reutilização. Mas o processo representou também uma redução das emissões de CO2 em quase 60 toneladas. A Freguesia de Campolide conta com 18 equipamentos de recolha, cujo conteúdo não se esgota nas roupas, estende-se a recolha de calçado e têxteis para o lar. Brinquedos também são aceites, desde que se encontrem aptos para doação. Podem também ser



depositados acessórios ou artigos de marroquinaria. Dependendo da época do ano, e da afluência por parte da população, a recolha é efectuada de forma semanal ou quinzenal. Além dos benefícios ambientais e da distribuição solidária das roupas e restantes objectos recolhidos

que se apresentem nas devidas condições, a Junta de Freguesia de Campolide recebe ainda contrapartida, já que o acordo prevê “que o material recolhido seja revertido em géneros alimentares, nomeadamente pacotes de leite para distribuição de acordo com os projectos sociais da Junta de Freguesia”.

O papel das coletividades na vida das freguesias



Os clubes e coletividades locais são, inegavelmente, património das cidades, tanto pela dinamização da vida local, como pela sua história. A gestão profissional das coletividades é um desafio a que urge responder para garantir a sua sustentabilidade a longo prazo, ameaçada pela pressão imobiliária e pela substituição da sua atividade por outras entidades, como ginásios ou as próprias autarquias. Na sua maioria, as coletividades de Lisboa sobrevivem pela mão de cidadãos voluntários que abdicam do seu tempo pessoal ou em família para dar corpo a uma atividade em prol da comunidade. Nascidas de forma orgânica e amadora, continuam assim geridas, com consequências para a sua sustentabilidade. Por outro lado, em particular depois da Reforma Administrativa da Cidade de Lisboa, as Juntas de Freguesia assumiram um papel mais ativo na oferta de respostas sociais, desportivas, culturais e de lazer das comunidades. Nesse papel, as autarquias têm uma escolha: desenvolver atividade própria ou incentivar que essa oferta, setorial e especializada, possa ser desenvolvida por quem já tinha atividade no terreno, procurando promovê-la. Nessa escolha materializa-se uma opção de cada freguesia entre promover a sustentabilidade das coletividades ou substituir-se a essa dinâmica, com uma oferta profissional com que as coletividades não conseguem normalmente competir e que pode determinar o seu fim. Por exemplo, a Junta de Freguesia da Estrela criou a Academia

Estrela, com uma oferta que representa hoje uma receita anual de mais de 500.000 €, com protocolos com o Ginásio Clube Português e com a Escola de Judo Nuno Delgado para a oferta desportiva. Com o desenvolvimento de uma oferta profissional deste tipo, como se de um ginásio comercial se tratasse, concentraram em si muita da procura que outrora poderia estar dispersa por coletividades da freguesia. Esta opção deixa pouco espaço para que os clubes locais possam “competir” pela procura dos moradores. As coletividades corporizam um dinamismo cidadão insubstituível, que promove o sentido de comunidade, que combate a solidão e a exclusão. São por isso instrumentos de coesão social e são a demonstração de uma democracia viva que não espera resposta exclusiva do Estado, mas que, através das iniciativas dos cidadãos, constrói respostas sociais, culturais ou outras. Apoiar os cidadãos que abnegadamente desenvolvem projetos para a comunidade é o mínimo que se pode esperar do poder local. As coletividades precisam hoje de um apoio muito mais importante do que o mero auxílio financeiro: promoção da sua modernização e requalificação. É nesse sentido que devem trabalhar-se os apoios a estas estruturas, muito além de uma perspectiva imediata - com a supressão pontual de uma necessidade de pagamento de água ou renda - e com uma tônica na profissionalização da sua gestão e uma aposta na autonomia com o reforço das suas atividades. **Sofia Cordeiro Vogal do Partido Socialista na Assembleia de Freguesia da Estrela**

AFM organiza sessão dedicada à Segurança Pública e Cidadania

A Assembleia de Freguesia da Misericórdia realizou, no passado dia 23 de janeiro, uma sessão temática dedicada à Segurança Pública e Cidadania.

A iniciativa, que teve lugar no Espaço Santa Catarina, e que incluiu a participação da sociedade civil, entre moradores e associações do território da Freguesia, pretendeu assumir-se como um espaço de reflexão sobre o estado atual da segurança pública, antever os desafios que se advinham para o futuro próximo e reconhecer e sensibilizar a importância que cabe a cada agente, seja a nível institucional, seja em termos cívicos e individuais, no sentido de promover e garantir a segurança pública e o bem-estar na nossa sociedade, nomeadamente no que concerne à Freguesia da Misericórdia.

Na sessão, que contou com a presença de todas as forças políticas representadas na Assembleia de Freguesia da Misericórdia, participaram Miguel Gaspar, Vereador da Mobilidade e Segurança da Câmara Municipal de Lisboa; Jorge Maurício, Superintendente-Chefe (Comandante COMETLIS/PSP); André Araújo, Subcomissário (Comandante da 3ª Esquadra COMETLIS/PSP); Alberto Coelho, jurista e membro do Conselho Consultivo da Concelhia do CDS Lisboa; Francisco Pereira, membro do Comité Central do PCP; Vasco Franco, investigador da IPRI/Universidade



Nova de Lisboa; Cristiana Vale Pires, bolsista pós-doutoramento; e Ana Miguel dos Santos, professora universitária. Os trabalhos foram liderados pela Presidente da Assembleia de Freguesia da Misericórdia, Irene Lopes, e encerrados pela Presidente da Junta de Freguesia da Misericórdia, Carla Madeira, que ressaltou “a relevância desta sessão para a comunidade e para o exercício da cidadania. Sendo a Freguesia da Mise-

ricórdia aquela que mais contribui para o desenvolvimento económico da cidade de Lisboa, é da maior importância que a segurança seja um ponto fulcral no nosso território”. Na sua intervenção, a Autarca mencionou ainda o trabalho efetuado em parceria com a PSP nas mais diversas áreas. “É de louvar a abertura que demonstram para connosco e as iniciativas que realizamos em conjunto por forma a informar, apoiar e manter a população o mais segura possível”.



Pedro César Teles, no Grandella

O executivo de São Domingos de Benfca tem vindo a apostar na Cultura. Agora, inaugurou a exposição de pintura “por uma razão mais forte”.

Decorreu na tarde do dia 18 de janeiro, no Fórum Grandella, a inauguração da exposição de Pedro César Teles “A Fartiori”. Só o nome “A Fartiori”, afinal “por causa de uma razão mais forte”, nos deixou de sentidos mais atentos, acicatados pelo desconhecido. O Pedro César Teles desvendou a razão, a tal, maior, como uma homenagem à Mulher. Foi uma apresentação despretensiosa e assertiva para o muito público presente que se deslocou para ver bom desenho e pintura. Trata-se de um momento cultural importante, aberto à população da freguesia e a todos os que quiserem aderir à promoção da cultura. Esta exposição organizada pela Junta de Freguesia de São Domingos de Benfca, com curadoria de Olga e Sousa estará patente ao público até ao dia 8 de março, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h e aos sábados, das 10h00 às 13h e das 14h às 17h.



Pintasilgo chega aos mais novos



Rosabela Afonso, jornalista e escritora, a ilustradora Sara Afonso, e a Junta de Freguesia de São Domingos de Benfca, homenagearam no passado dia 18 de janeiro, no Salão Nobre da Junta de Freguesia, a estadista Maria de Lourdes Pintasilgo através da apresentação do livro “Maria de Lourdes - Curiosa e Brilhante”, que Rosabela escreveu e a sua filha ilustrou. Trata-se de um livro que aborda a figura



de Maria de Lourdes Pintasilgo, a única mulher que desempenhou o cargo de primeira-ministra, em Portugal, tendo chefiado o V Governo Constitucional, de julho de 1979 a janeiro de 1980. Muito objetivamente, tratou-se de um tributo e homenagem a esta grande figura da nossa História recente no dia do seu aniversário, que todos os presentes e a Junta de Freguesia fizeram questão de recordar.

CELEBRAÇÃO 60 ANOS – UM ANO PARA FESTEJAR

No próximo dia 7 de Fevereiro a Freguesia de São Domingos de Benfca está em festa. São 60 os anos dedicados por muitos autarcas à causa do bem comum, aqui nesta zona da cidade de Lisboa. Rodeada a poente e norte pela Av. General Norton de Matos, a nascente pelo designado eixo norte-sul e Praça de Espanha, e a sul por parte da mata da Serra de Monsanto, a freguesia atende cerca de 23 mil lares e 35 mil pessoas residentes, bem como um elevado número de pessoas que aqui trabalham ou circunstancialmente aqui passam. Trata-se de uma das mais populosas freguesias da cidade e seguramente uma das mais recheadas de lugares iconográficos e cheios de história. A poente encontra-se o Estádio do Sport Lisboa e Benfca, a norte distinguem-se as Torres de Lisboa, a nascente um número apreciável de palácios e jardins, o teatro Thalia, a Universidade Católica e o Jardim Zoológico, e a sul os belíssimos palácios de Fronteira, Devisme, Beau Séjour e Quinta da Alfaroqueira. Alguns hospitais da cidade encontram-se aqui presentes, bem como alguns serviços públicos relevantes. Dizem os que aqui vivem que talvez se trate da freguesia mais feliz de Lisboa.

FICHA TÉCNICA Director **Francisco Morais Barros**
Editor **Media Titulo Unipessoal, Lda.**
Sede Rua Almeida e Sousa, 44, 4º, 1350-014, Lisboa
Redação Rua Francisco Rodrigues Lobo, nº 4-A, 1070-134, Lisboa

JORNAL DE LISBOA

Paginação **Paulo Vasco Silva**
Propriedade **Carlos Freitas** (NIF: 209711876)
Impressão **FIG, S.A.** Rua Adriano Lucas, 3020-265 Coimbra

Tel 21-8861666 | NIPC 510776213 | Nº de Registo na ERC 125327 | Depósito Legal: 270155/08 | Tiragem mínima: 15.000 exemplares | Periodicidade: Mensal

As opiniões expressas nos artigos de Opinião são exclusiva responsabilidade dos seus autores. Os textos da secção “Jornal das Freguesias” são da responsabilidade das autarquias em causa.

Estatuto Editorial - O Jornal de Lisboa rege-se por critérios jornalísticos de Rigor e Isenção, respeitando todas as opiniões ou crenças. O Jornal de Lisboa é um órgão de Informação de referência, generalista, pluralista, sem qualquer dependência de ordem ideológica, política e económica, e tem como objectivo fundamental assegurar a todos os leitores o direito à Informação. O Jornal de Lisboa respeita os direitos e deveres constitucionais da Liberdade de Expressão e de Informação. O Jornal de Lisboa distingue, criteriosamente, as notícias do conteúdo opinativo, reservando-se no direito de ordenar, interpretar e relacionar os factos e acontecimentos. O Jornal de Lisboa compromete-se a respeitar o sigilo das suas fontes de informação, não admitindo, em nenhuma circunstância, a quebra desse princípio, respeitando a legislação em vigor. O Jornal de Lisboa assume o direito de emitir opinião própria, sobre todas as notícias, em editorial, sempre no respeito integral pela Lei em vigor. O Jornal de Lisboa cumpre a Lei de Imprensa e as orientações definidas neste Estatuto Editorial e pela sua Direcção.

LUMIAR

> EDUCAÇÃO

II Jornadas do Pensamento Emocional

A Junta do Lumiar é uma das entidades

promotoras das II Jornadas do

Pensamento Emocional com o objectivo

de fomentar o trabalho em rede e o

desenvolvimento de novos projectos.

Estas segundas jornadas visam o reafirmar da pertinência da promoção do pensamento emocional e as suas implicações na educação, na saúde, justiça e na sociedade em geral. Apresentando diversos olhares sobre os processos do constructo de cada indivíduo desde a perspetiva da neuro-educação, metacognição, relações interpessoais e afetos, face às diversas áreas de investigação, conhecimento e prática. Pretende-se que nestas II Jornadas, haja uma partilha e discussão de projetos de investigação ou de intervenção, concluídos ou em curso, de modo a se cria-



rem redes que potenciem o desenvolvimento de novos projetos.

Pretende-se ainda, contribuir para o incremento de processos de decisão e intervenção com recurso a metodologias ativas nas escolas e nas diversas instituições, aplicando novas estratégias de intercessão e a alteração de crenças por parte dos agentes educativos e atores sociais.

Visando estimular em cada indivíduo o melhor de si

mesmo e impactar positivamente nas idiossincrasias do sistema educativo e social, para que as aprendizagens sejam significativas, potenciando o talento, as capacidades, os conhecimento e criatividade na sua afirmação do “EU” na construção de uma sociedade verdadeiramente inclusiva.

Mais informações: pensamentoemocional.pt; Quando? 1 e 2 de fevereiro de 2019; Onde? ISCTE-IUL, Lisboa.

> CULTURA

Sons pela cidade

O Auditório da Biblioteca Orlando Ribeiro recebe, no próximo dia 17 de fevereiro, às 16H00, a iniciativa Sons pela Cidade – Música em Festa, uma organização da Câmara Municipal de Lisboa em colaboração com as Juntas de Freguesia e a Orquestra Metropolitana de Lisboa. O concerto, a cargo dos solistas da Metropolitana de Lisboa, apresentará obras de Beethoven e Haydn. O projeto Sons Pela Cidade consiste num ciclo de concertos de entrada livre, assumindo-se como uma iniciativa descentralizadora da oferta cultural e de proximidade.

> PATRIMÓNIO IMATERIAL

Algures - colectivo de criação

Uma vez por mês, a partir de março, no Jardim Quinta das Conchas, um contador de histórias conta e canta Histórias da Tradição Oral. A palavra é música e a curiosidade desperta em cada som. Este é um projeto de mediação cultural, que tem por objectivo aproximar as comunidades às artes, dinamizar o espaço através do património oral imaterial e construir comunidade. Um dos objectivos desta atividade é partilhar histórias, contos e cantos da tradição oral portuguesa. É manter a memória viva e atizar as recordações.

Datas

- 30 Março às 10:30
- 27 Abril às 10:30
- 31 Maio às 10:30
- 29 junho às 10:30
- 27 julho às 10:30
- 28 Setembro 10:30
- 26 Outubro 10:30



OPINIÕES & NOTÍCIAS SOBRE LISBOA

POLÍTICA LX

Estar em casa



O café do Sr João tem várias coisas boas e más: as boas é que os cozinhados da sua mulher, D. Augusta, trazem-nos à memória os tempos de antanho em que o calendário era marcado por odores: invariavelmente, o Inverno estreava-se com o cheiro do cozido, quente, pesado, reconfortante para os dias frios. O cozido da D. Augusta é assim: logo pela manhã apercebemo-nos do cheiro da carne a cozer, com aquela gordura limpa e fresca que não viu congelador, dos enchidos fortes e genuínos que não saíram do plástico dos supermercados, espécies em extinção vindas dos confins de trás-os-montes, hortaliças cozidas como deve ser. O cheiro do genuíno cozido que nos faz água na boca e traz a pungente dor, aguda e fina, da saudade dum tempo que não volta mais. A coisa má é que, tendo provado o cozido da D. Augusta, todos os outros que fui experimentando pela cidade e arredores me pareceram menores e aquilo que seria um prazer expectável tornava-

se numa decepção...tive de os procurar porque este ano o Sr. João não fez cozido: fora dos circuitos turísticos, o café Piaf sofre as vicissitudes da classe média, a sua clientela de sempre, que vê o seu nível de vida a descer, a descer e, por isso, não tendo assegurado clientes suficientes para fazer o cozido, o Sr João suprimiu-o da ementa. Graças a Deus, a crise não chegou aos doces de Natal, aos sonhos fofos e sequinhos, que não deixam os dedos besuntados de gordura nem aos coscorões feitos no dia, com raspa de laranja, estaladiços e quase transparentes...o cheiro a casa.Talvez advenha da época Natalícia, do espírito de Natal que consegue sobreviver depois de duas horas presa no trânsito, do lixo a transbordar dos caixotes, dos pavimentos esburacados, desta cidade que só é pensada para turistas e especuladores imobiliários : a saborear os doces da D. Augusta fazemos as pazes com o que está lá fora e deixamos a memória correr àqueles tempos em que estar em Lisboa era estar em casa. **Margarida Saavedra Arquiteta**

Lisboa limpa... tem outra pinta!



Seguramente há muito que o tempo apagou este slogan dos cartazes e da memória dos lisboetas e talvez a maioria dos responsáveis pelo pelouro o tenham enviado também ao oblivio. Porém par aqueles que vêm dedicando sem cessar a sua preocupação à melhoria das condições e qualidade de vida dos lisboetas esta frase trás à memória campanhas, melhor ou por conseguidas, levadas a cabo para garantir que a recolha dos resíduos, a sua separação selectiva, a lavagem e a varredura contribuíam como um todo para o objectivo da limpeza urbana. A entrega às Juntas da lavagem, varredura, deservagem e remoção de dejectos de canídeos, através da Reorganização Administrativa da Cidade de Lisboa, deixou o sector da limpeza desconexo, falho de pessoal e com a sua logística completamente desorganizada e desadaptada à realidade. A soma de 24 não é a mesma coisa do que era o todo. Nem em trabalhadores, nem em aparelhagem, nem em metodologia, entre outras coisas. A ideia de que se aumentava a proximidade era um logro total, uma vez que se aumentaram as áreas das Juntas e nada se alterou na organização hierárquica de

funcionamento. Aumentou-se a despesa, pois cada Junta tem de adquirir os mesmos bens e consumíveis, perdendo-se as economias de escala, e juntando a isso tudo perdeu-se a capacidade de organização integrará do trabalho exigindo que o número de trabalhadores tenha forçosamente de crescer para dar resposta ao mesmo problema. Hoje as queixas de falta de limpeza, e a questão da recolha não é a única - a lavagem e limpeza de dejectos de canídeos é absolutamente gritante - é um dos problemas mais identificados quer por moradores quer por quem visita a cidade de Lisboa. É possível tentar iludir o problema, fingir que se trata apenas de uma questão de cumprimentos e ajustes do regulamento. É possível tentar passar à frente da questão arquitectando sistemas municipais autónomos. O que não é possível e pretender que, enquanto não forem recuperadas as sinergias e economias de escala que existiam, enquanto não se contratarem, com todas as garantias e direitos, os trabalhadores suficientes para se responder condignamente à recolha, lavagem e deservagem na cidade, existam condições para uma Lisboa mais limpa. Tal como está, pinta?... não tem nenhuma! **Carlos Moura Vereador do PCP**

Não bater a bota com a perdigota.



Há muito que se registam fenómenos de alheamento dos cidadãos em relação à gestão dos interesses comuns e das opções políticas sobre o nosso futuro comum. É assim que temos tido uma abstenção acima do aceitável, uma baixa participação com sentido comunitário acima dos interesses individuais e diversas expressões que não honram o esforço desenvolvido por muitos para que tivéssemos Democracia e Liberdade de Expressão. Para inverter este quadro de divergência e de alheamento dos cidadãos em relação às opções políticas e à gestão, no quadro da democracia representativa, têm sido reforçados os mecanismos de participação dos cidadãos e das comunidades não apenas quando há eleições, mas durante os mandatos e sempre que surge a necessidade de indagar a vontade maioritária. A participação está cada vez mais informalizada, frequente e consequente. Pode ainda não ter o nível de participação que ambicionam os democratas, mas o caminho faz-se caminhando. Esse caminho tem sido materializado em diversos Orçamentos Participativos em diversas oportunidades de participação informal dos cidadãos e em consultas à população que reforçam a sintonia das decisões políticas com a vontade popular. É o que tem sido feito em Lisboa, em Benfica ou nas crescentes manifestações de vontade dos cidadãos em quererem participar que chegam à Assembleia Municipal de Lisboa, através de diversas petições e abaixo-assinados. Há hoje um renovado interesse em querer participar nos processos de decisão e uma real predisposição dos decisores para ouvir antes de decidir. As Autarquias Locais dão crescentes sinais de sintonia e de reforço da

participação cívica. É bom que as instituições do Estado Português com responsabilidades na defesa dos direitos e dos deveres, como por exemplo a Provedoria de Justiça, não se constituam em forças de obstrução ao impulso de reforço da participação dos cidadãos na concretização das escolhas ou no apoio à decisão dos decisores políticos, ignorando as competências próprias das autarquias. De facto, é incompreensível a posição truncada da Provedoria de Justiça, expressa em recomendação em relação a Campolide e reiterada a Benfica, sobre as consultas recentemente levadas a cabo nestas freguesias, o que levanta a questão sobre qual será a sua posição em relação aos vários orçamentos participativos existentes no país. A participação é um pilar fundamental da democracia que valoriza as comunidades e reforça a assertividade das decisões políticas. Naturalmente com regras, toda a participação deve ser incentivada, não devendo estar sujeita a limitações resultantes de projeções partidárias ou de visões desenquadradas das necessidades do tempo atual. Vivemos um tempo novo. Era só o que faltava que quem quer participar e quem quer ouvir os cidadãos estivesse limitado por visões anacrónicas e contrárias à essência da democracia como a que foi enunciada pela Provedoria de Justiça em relação à consulta sobre a possível entrada da EMEL nas ruas abrangidas pela zona 45. Seria um inaceitável triunfo institucional da bota que não bate com a perdigota. Não contem connosco. A democracia representativa reforça-se com maior participação. A bem do presente e do futuro das nossas comunidades.

Inês Drummond Presidente da Junta de Freguesia de Benfica



TEATRO JUDITH – O AMOR AOS 80

«Judith – o Amor aos 80, da autoria de Sérgio Mendes, é a história de uma vida a dois. Partilhada. Recordações, lembranças, uma viagem ao espaço onde habitam todas as memórias: as alegrias e as mágoas; os sonhos: os desfeitos e os concretizados. Um homem e uma mulher que, até ao fim, souberam ser “nós”. Apesar das pedras no caminho, apesar dos “e se...”, apesar das encruzilhadas. Um viver a dois, “até que a morte nos separe”... Ou nos uma para sempre!» Poderá assistir à peça “Judith – o Amor aos 80” no Auditório da Biblioteca Municipal Orlando Ribeiro, nos dias 07, 08 e 09 de fevereiro de 2019.



Fake News

POR SÉRGIO CINTRA » **Presidente da Concelhia do PS de Lisboa**

No final do ano passado, os novos órgãos municipais completaram 1 ano em funções e preparam o futuro, olhando todos os dias para os novos desafios que a dinâmica urbana obriga a enfrentar, verificando também as oportunidades de otimizar os recursos e obrigatoriamente devem realizar a avaliação do que foi conseguido e do que falta concretizar. A Participação, Proximidade e Transparência de Todos os eleitos locais e dos seus atos, é uma consequência positiva dos tempos que vivemos e que consolida as equipas ou diminui a dimensão daqueles que se esquecem que as pessoas estão sempre em primeiro. Novos fenómenos e formas de comunicação, não deixam dúvidas que alguns agentes ou atores, encenam e propagandeiam notícias, manipulando tudo para que a realidade que vendem, seja equivalente aos sonhos de desgraça ou má fama que querem transportar para a praça pública ou para o seu grupo de “amigos” digitais. Por estes dias, o meu filho mais velho, enviou-me por WhatsApp uma foto e um texto (porque o Pai não tem facebook) que imediatamente gera um sentimento de indignação, revolta e frustração a quem não é educado para olhar e agir com indiferença para os males ou

infortúnios dos outros. A autora da mensagem utiliza uma foto de um artigo que foi publicado em França para denunciar o que supostamente acontece em Lisboa e deve envergonhar Todos os que nos governam. Se alguém escreve e assume (difundindo) posições públicas, devia por uma vez, não encontrar nos outros a responsabilidade que a sua consciência não possui. Se as Fake News, em algumas circunstâncias, até podem encontrar um terreno fértil, no que toca à intervenção com as pessoas em situação de sem abrigo, na cidade de Lisboa encontramos um exemplo paradigmático de cogovernança e intervenção integrada para um interesse comum. Mais de 23 entidades trabalham com os mesmos objetivos, desde 2015, no Núcleo de Planeamento e Intervenção Sem-Abrigo para obterem melhores resultados na prevenção, na minimização de riscos e na resolução das situações de um dos públicos mais vulneráveis. Estamos perante um exemplo da necessidade de descentrar o debate público de visões que pretendem polarizar a sociedade. Urge mostrar que o que está em causa não é reconquistar qualquer tipo de controlo perdido, mas sim ter capacidade de inovar e implementar respostas capazes de enfrentar a complexidade crescente dos problemas sociais e urbanos.

Lisboa sem voz não é Lisboa

POR RITA CALVÁRIO » **Bloco de Esquerda**

Nos últimos anos Lisboa tem sofrido uma transformação urbanística e habitacional profunda. Esta não serviu para recuperar habitantes, revitalizar o comércio local ou criar emprego com direitos. Pelo contrário, a aposta na turistificação e de incentivo à especulação tem levado a despejos e afasta quem não consegue pagar o luxo de pagar 1000€ por um T2 numa cidade gentrificada. Também na política urbanística, é a elitização que comanda. O caso dos miradouros é ilustrativo. O Miradouro de Santa Catarina, conhecido como Adamastor, com a sua vista deslumbrante sobre o Tejo atraiu desde sempre muita gente. Cenário do clássico do cinema português, “Pai Tirano”, hoje este espaço público não vive os seus melhores dias. Há vários meses, a CML vedou o Miradouro por este alegadamente necessitar de uma requalificação e reduzir uma “carga excessiva”. Concorde-se ou não com a análise, não se compreende como é possível o encerramento de um espaço público durante tanto tempo. Diz-se que havia insegurança, e em nome dela temos de fechar parte de Lisboa.

A Biblioteca das Avenidas Novas é, para nós, uma aposta essencial.

POR ANA GASPAR » **Presidente da Junta de Freguesia das Avenidas Novas**

Ler um Livro é partir à descoberta, uma faceta perene do ser humano até aos dias de hoje. Remete-nos para o real e para o imaginário, navegamos nas suas páginas e mergulhamos nas densas, imaginativas e sempre desafiantes palavras desta nossa amada língua e de outras línguas e outras vidas, culturais, sociais e afetivas. Este tem sido um trabalho (a)moroso! É nosso desiderato dar aos livros, pertença desta junta de freguesia e de todos os que amam as Avenidas Novas e o Conhecimento, espaço digno, onde se possa valorizar tudo o que trazem à nossa vida. Vamos tê-los na sede da Junta de Freguesia, espaço central das Avenidas Novas e, desde há um ano, aberto a todos as valências da

Junta. A Biblioteca estará, à nossa/vossa espera, na antiga sala de música desta casa notável. No Pólo do Mercado do Bairro Santos (Rêgo) haverá, também, lugar aos livros e revistas, com um projeto diferenciado, já que este é o Bairro das Avenidas Novas onde se cruzam mais comunidades vivenciais. Acreditamos que a Biblioteca retomará o seu papel: agregador, pedagógico e propulsor do melhor Presente e Futuro! Estamos a trabalhar para que, em breve, também a Biblioteca da Junta de Freguesia das Avenidas Novas, sempre em parceria com a “vizinha” Galveias e outras, seja um marco de qualidade. A cidade merece e nós, aqui nas Avenidas, queremos fazer acontecer!



A limpeza da cidade!

POR RUI PAULO FIGUEIREDO » **Primeiro Secretário da Mesa da Assembleia Municipal de Lisboa**

A insatisfação quanto à higiene urbana na cidade de Lisboa tem sido grande. Do mesmo modo, nos últimos meses, o tema tem merecido muita atenção mediática. As críticas, propostas, sugestões têm sido muitas. As notícias ainda mais. Notícias que apresentam situações reais. Referem as dificuldades sentidas, por parte do Município, na resposta à realidade que é o aumento da produção de resíduos. Aumento que se sustenta no incremento da atividade económica e do turismo, que arrasta sectores como a hotelaria e a restauração, gera maior produção de resíduos e maior exigência de limpeza.

A Câmara de Lisboa tem procurado fazer face ao problema.



Mais cantoneiros, mais equipamentos, reforço de meios financeiros das Freguesias, aumentar a exigência com quem suja, sensibilizar a população, reforço dos contentores enterrados, são algumas das estratégias e medidas adoptadas. Medidas e estratégias positivas. Cá estaremos todos para ver se são as necessárias ou se novas têm de ser, ainda, adoptadas. No entanto, o desafio está igualmente na melhoria do sentido cívico da comunidade. Afinal, só com o contributo de todas e todos a limpeza de Lisboa vai corresponder aos nossos anseios. E esse é um desafio de todas e todos. E não só da Câmara Municipal de Lisboa.

Resistir à generalização

POR PEDRO DELGADO ALVES » **Presidente da Junta de Freguesia do Lumiar**

São muitos os indicadores de que os tempos que vivemos não são como aqueles a que o final do século XX e o início do século XXI nos habituaram, de vitalidade das Democracias, do seu alargamento a mais Estados e de progressivo aumento da tutela de Direitos Fundamentais e dos valores da liberdade. Ainda que muitos indicadores económicos e sociais revelem evoluções positivas, a combinação do rescaldo das consequências da crise do final da primeira década do século, com a subsistência de graves assimetrias na distribuição de rendimentos (e oportunidades) e com a erosão da credibilidade de algumas instituições públicas, fruto do maior escrutínio (nem sempre equilibrado) que a sociedade de informação permite, têm criado uma perceção da realidade que alimenta populismos e gera democracias iliberais em mais locais do que gostaríamos. Neste contexto, o patamar de rigor e o grau de ponderação de todos os que se movem e intervêm no espaço público e que querem preservar as instituições democráticas deve ser extraordinariamente exigente, sem abdicar da complexidade, sem claudicar perante extremistas, sem desistir dos espaços de debate, entregando-os aos inimigos da Democracia. Infelizmente, as reações, muitas vezes irrefletidas, fora de tempo, sem conhecimento cabal e completo dos factos face aos acontecimentos recentes no bairro da Jamaica, no Seixal, deixam muito campo para reflexão sobre o que não se deve fazer, ao mesmo tempo que mostram a face cada vez menos oculta de quem quer cavalgar o medo, gerar sentimentos de insegurança e promover a radicalização para capitalizar com ela política ou eleitoralmente. Nas palavras do Presidente da República, no rescaldo imediato do sucedido, devemos encontrar um dos principais guias para como devemos abordar o problema: evitar as generalizações, a construção de narrativas simplistas e maniqueístas sobre o sucedido e a cedência à mediatização irrefletida do que se passou. Não significa isto que se silenciem os problemas, que se ignorem os dramas humanos de quem vive em condições degradantes e sem dignidade habitacional, com elevadíssimas incidências de desemprego e frustração das perspetivas de melhoria de vida e mobilidade social, nem tão pouco que daí se retirem justificações para atos de violência. Este é o desafio de todos os que querem preservar a Democracia, em todos os campos do largo espectro de partidos

democráticos: resistir à generalização e à falta de rigor que pode permitir no curto prazo uma aparente vantagem eleitoral ou comunicacional, mas que no médio e longo prazo envenenam o debate, dão espaço aos extremistas e matam a civilidade necessária ao consenso em torno do que é comum a todos. Ainda que difícil, é possível reconhecer simultaneamente que Portugal não está imune a fenómenos de racismo (que muitas vezes são desconsiderados, relativizados e deixados de fora do debate público), tomar medidas para o combater, e ao mesmo tempo valorizar os muitos bons exemplos de políticas públicas, empenho associativo e convivência comunitária que o contrariam e que revelam que temos entre nós evoluções positivas e uma ausência da tensão a que assistimos em muitos países vizinhos. Ainda que difícil, é possível reconhecer simultaneamente o empenho e o sacrifício da esmagadora maioria dos agentes das forças de segurança, em condições de risco e dificuldades no exercício da sua profissão, sem por isso ficarmos inibidos de também reconhecer e lidar com os casos de racismo ou de infiltração de elementos extremistas dos quais vai havendo relato. Ainda que difícil, é possível reconhecer simultaneamente o papel fundamental de muitos ativistas de largos anos, com capacidade mobilizadora e de representação de muitos dos que não têm voz nem acesso ao espaço público, ao mesmo tempo que se reconhece a infelicidade e o carácter indesculpável de declarações ofensivas que nada ajudam num quadro de grande complexidade como este. É difícil porque, infelizmente, a complexidade de tudo isto não é muitas vezes compatível com o tempo mediático, com a cobertura superficial e acicatadora de ânimos e emoções que vão pululando nalgumas coberturas jornalísticas que falham em qualidade e cumprimento das regras deontológicas, pressionadas por guerras de audiências e dificuldades financeiras dos respetivos grupos empresariais. É difícil, porque a Democracia é maravilhosamente difícil nas oportunidades que oferece para permitir a vida em comunidade com respeito por todos, e tem de enfrentar a falsa promessa de facilidade de quem olha para as coisas de forma simplista e demagógica. Não nos desviemos. Não nos enganemos. Resistamos em defesa da Democracia.



Vive na zona norte da cidade? Está desgraçado

POR **SOFIA VALA ROCHA** >> **Ex-deputada Municipal do PSD em Lisboa**

O Governo lançou há dias o concurso para a construção das novas estações de metro de Estrela e Santos e o consequente prolongamento das linhas amarela e verde, anunciando um investimento de 210 milhões de euros até 2023. É a chamada linha circular - que não se usa nem na europa nem no resto do mundo. Há poucas exceções e mesmo no caso de Londres, onde se tentou implementar uma, acabou-se com ela. A zona norte da cidade, Loures, Odivelas, Moscavide, Portela, Telheiras, criticaram o alargamento da rede do Metropolitano de Lisboa privilegiando a criação de uma linha circular e não uma expansão para a norte. Não compreendem que não se inclua no quadro dos investimentos prioritários do Metro de Lisboa afirmando que “resulta em graves prejuízos para as pessoas e vai contra as apostas das grandes áreas metropolitanas europeias”. Quem vive na zona norte vai deixar de ter uma ligação direta ao centro da cidade. Os passageiros terão de sair na estação do Campo Grande para apanhar outro metro, a tal linha circular. Vão sair beneficiados os passageiros que venham da linha de Cascais. Com uma

agravante: é que pela zona norte entram anualmente 18 milhões de pessoas; enquanto pelo lado de Cascais entram 15 milhões de pessoas. A Comissão de Trabalhadores do Metropolitano de Lisboa e os sindicatos do setor já alertaram para a falta de estudos científicos que demonstrem as vantagens da linha circular. Pelo contrário, os pareceres técnicos põem em causa esta opção. “Nesta proposta de expansão de rede do Metro faltam os projetos e estudos científicos sobre o impacto no fator humano (trabalhadores e utentes) que resulta do novo modo de funcionamento na nossa rede que deixa de operar num sistema de linhas, com dois terminais cada e passa a uma linha circular sem qualquer cais terminal”, declarou a Comissão de Trabalhadores do Metro. Resumo da história: Lisboa vai fazer uma expansão do metro de uma maneira que não é usual, para a qual não há estudos nem pareceres, descurando os interesses dos 18 milhões de passageiros, para que os turistas possam andar às voltinhas no meio da cidade. Como se Lisboa fosse um carrossel e nós uns palhaços.

Revolução

POR **LUÍS LARCHER** >> **Professor Universitário**

Por estes dias o mundo está a viver a ressaca de uma das maiores revoluções deste tempo: as jornadas mundiais da juventude. Porquê revolução? Porque, com a complexidade da discussão sobre o Brexit, na afirmação dos interesses geo-estratégicos das grandes potências na Venezuela, na Síria, na Palestina, em Taiwan, na Coreia do Norte ou em diversos Países africanos, a discussão está inquinada pelas perspetivas das notícias que nos chegam, das notícias falsas, da abordagem tendenciosa dos comentadores, as pessoas chegaram à conclusão que estão completamente arredadas seja da compreensão dos problemas seja da procura de soluções para eles. A simplicidade da comunicação das JMJ 2019, como tinha acontecido no Sínodo para a Juventude, levou a que se chegasse à conclusão que, afinal, é possível hoje haver pessoas comprometidas com a causa humana, com a igualdade de todos e com o cuidado com a casa comum. Para isso é preciso ultrapassar duas doenças espirituais, disse o Papa, para enfrentar os poderes dominantes: “o Medo e a Paralisia”. Sós, pouco conseguimos, mas, em conjunto e com causas, tudo é possível. No manifesto a favor da casa comum, os jovens fizeram aos políticos e às instituições competentes cinco pedidos: em primeiro lugar, que procurem “alcançar

100% de energia renovável, para terminar com a era dos combustíveis fósseis, em linha com o objetivo da Acordo de Paris de limitar o aquecimento global a 1,5° C. Em segundo, olhando para o tema das migrações, pedem que seja aplicado o ‘Global Compact’ - pacto mundial para uma migração segura, ordenada e regular -, para enfrentar os desafios colocados aos/pelos migrantes, para que ninguém seja deixado para trás. Em terceiro, “que trabalhem com o objetivo de proteger, pelo menos, 30% dos ecossistemas do planeta até 2030”, aplicando a Convenção da ONU sobre Diversidade Biológica. Em quarto, o “acesso universal e equânime à água potável até 2030, como previsto pelo 6º objetivo de desenvolvimento sustentável da Agenda 2030 da ONU”. Por último, a adoção de um modelo de economia ‘circular’, para “superar o mito moderno do progresso material ilimitado e o paradigma do crescimento sem limites”. Para terminar este pedido, simples e linear, os jovens pedem a aplicação, quanto antes, da encíclica ‘Laudato si’, sobretudo para poderem refletir sobre a criação, cultivar a dimensão ecológica da fé e a conversão dos estilos de vida “à simplicidade e à sustentabilidade”. Quem não percebe? Quem não subscreve?

60 anos, é muito tempo.

POR **ANTÓNIO CARDOSO** >> **Presidente da Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica**

São Domingos de Benfica está a celebrar 60 Anos de freguesia. Estamos a assinalar com orgulho e devoção um momento único, com a certeza de que a nossa história e a nossa comunidade são muito especiais. Estamos a trabalhar em vários projetos para celebrar a efeméride, com eventos, iniciativas, ideias e concretizações que farão de 2019 um ano muito diferente e, acredito, muito proveitoso e memorável! Somos hoje, como há alguns anos atrás, uma freguesia que se coloca, pela sua história num dos expoentes máximos a nível patrimonial, somos uma comunidade muito específica, a nível socioeconómico onde, inclusive, entre mais novos e mais velhos prevalece um espírito muito comum, um desejo uníssono de beneficiar do melhor da vida, e pela sua dinâmica um posto de vanguarda no conhecimento, no desenvolvimento e na inovação. Mas o grande ponto de partida para as Comemorações do 60º Aniversário da Freguesia, estão nas realizações do passado recente e naqueles em que estamos empenhados. Passam pelo saber, “saber” e saber fazer bem. Há bem pouco tempo inaugurámos a Casa

da Cidadania, a Incubadora “Mercado da Inovação”, alguns jardins infantis, entre outras realizações e, focados no próximo continuamos a desenvolver a Linha de Apoio ao Idoso e um cem número de ações de vários âmbitos, que agora plasmam nesta celebração. Este aniversário irá prolongar-se pelo ano todo e será mais do que um simples festejo de uma data. Trata-se, de facto, da celebração de uma identidade. Um percurso ambicioso e auspicioso sempre focado na nossa missão comum de contribuir para vidas mais felizes. Para aqueles que aqui não residem, visitem-nos. Esta é uma freguesia que está cada vez mais viva, mais animada, mais bonita. Uma freguesia com história que está a mudar e a acompanhar a evolução dos tempos. E, já agora, um conselho. Aproveitem um primeiro sábado à tarde de um dos meses do ano, e não deixem de fazer uma visita à Quinta da Alfarrobeira onde vos espera um edifício com história, uma capela lindíssima, um jardim. Venham descobrir tudo o que por cá existe. Que todos sejam bem-vindos! Que todos sejam felizes!